

Meu Eu Lírico

Marcelo Alefe

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatã³ria

Dedico esta coletânea de poesias aos remanescentes ultrarromânticos que permanecem espalhados mundo afora; a todos que sabem amar com profundidade e não conseguem viver no raso, como a maioria o faz. Pois somente quem é intenso consegue enxergar a beleza nos mínimos detalhes e amar com veracidade. Enquanto os rasos sobrevivem, os intensos vivem.

Agradecimentos

Agradeço a cooperação e a paciência dos meus amigos, que me auxiliaram com suas críticas construtivas e com a leitura atenta destes poemas, pois suas observações foram bússolas essenciais no processo de dar forma a esta obra.

Acima de tudo, ao Deus Criador, meu Aba, que me deu o dom da palavra, e me apresentou com a dádiva da profundidade de um melancólico; e em especial, ao meu amigo gaúcho Gyan Antunes, que não se limita ao tom cordial na hora de apontar as possíveis melhorias, sempre com a sua sinceridade digna de um fleumático; e à minha amiga Tainá, que sempre leu atentamente meus poemas, valorizando-os como se eu já fosse um escritor sênior, não apenas lendo por ler, mas buscando sempre entender o sentido semântico de cada verso.

Sobre o autor

Marcelo Alefe é um homem de Letras e estudante da mente humana que usa a escrita e a poética para destrinchar e expor a psique, partindo do pressuposto de que o inconsciente se revela através da linguagem. Com inspiração de grandes poetas, resgata a idealização da amada como musa, na qual o eu lírico expõe seus sentimentos com um toque de melancolia do ultrarromantismo.

resumo

Noite Tempestuosa

Soneto da Bendita

A Jóia Preciosa

Amargo Devaneio

Entre Flores

Manhã Desconcertante

Afeto Transcendental

O Homem Invisível

Minha Musa

Inverno de seis meses

Noite Tempestuosa

Imensas ondas de um bravio mar
Numa noite fria e tempestuosa,
Um vento impetuoso a soprar;
Madrugada prevista angustiosa.

Meu barquinho então balançou,
A estrutura caiu, abalou,
E os remos também quebraram.

Será que naufragarei?
No sepulcro, enfim, morarei?

Porém não foi sempre assim:
Houve dias ensolarados,
Minha musa amou-me a mim.

Por isso meu barco delego
A ela, capitã do afeto,
Pois é desastroso, não nego,
Quando ela não está perto.

Soneto da Bendita

Hoje me lembrei da mais Bendita,
O grande amor que minha vida detém;
Pois na memória a sua imagem vem,
E uma saudade em meu peito transita.

Nessa lembrança que em mim habita,
Já não há nada que em porão se mantém;
Deste meu peito que não é refém,
Da dor que em alguns o desdém incita.

O seu doce sorriso é muito meigo,
Seu lindo olhar é sempre encantador;
Faz palpar meu peito por amor.

Mas como poderei ter desapego
Desse imenso amor dismantelador,
Se ainda é grande o meu desassossego?

A Jóia Preciosa

Um dia estava garimpando,
Me afadigava demasiado,
Em busca de algo que pudesse,
Enfim, mudar o meu estado.

Quando de súbito eu vi,
Uma linda pepita de ouro;
Naquele momento senti,
Que Deus me presenteou.

Oh, que vida abençoada!
Pois algo tão valioso,
Em minhas mãos cairia.
Tudo então mudaria
Com aquela pepita almejada.

Estendi as mãos rapidamente,
E peguei a joia preciosa,
Que luzia esplendidamente.

Mas um pouco me distraí,
A pepita escorregou,
Assim minha preciosidade,
As muitas águas tirou.

Muito tempo passou,
A culpa em meu peito ficou;
Pois minha amada joia partiu,
Seguiu com as águas do rio...

Amargo Devaneio

Aqui estou eu,
Em uma quente tarde de verão,
Com meu amargo café a tomar.
E, na minha memória, ela vem
Com seu meigo e lindo sorriso,
Fazendo meu coração acelerar.

Oh! Quem dera
Se essas meras lembranças
Da minha mente saíssem,
E em lugar de devaneios
Com meus olhos eu visse
Seu lindo sorriso me prestigiar.

É! Mas, para ser pragmático,
Meu amargo café tomei,
Entendendo que nada do que farei
A minha amada de volta trará.

Assim como o café é amargo,
Meu coração também passa a ser,
Pois não há alma que replique
O pulsar que o peito consome
Como só ela sabe fazer.

Entre Flores

No mundo há diversidade de flores;
Das mais lindas variedades são elas.
Muitas espécies exóticas e belas,
Cada uma singular em seus odores.

Passeava pelo jardim e observei
Cores laranjas, azuis e amarelas;
Vermelhas e até brancas ali notei.

Margaridas, violetas, passiflora,
Lótus, dália negra e a bela camélia ?
E não posso esquecer da bromélia.

A natureza é deveras divinal,
Mas nenhuma jamais se iguala
Ao mais doce odor angelical
Que a minha linda rosa exala.

Manhã Desconcertante

Belíssima aurora ascendia,
No céu, claro sol suscitava;
Num lampejo, uma epifania:
Lembrança que me atormentava.

Adornada tal qual princesa,
Com doce odor angelical,
Revestida de grã nobreza
Num meigo sorriso brutal.

Seus olhos de tão reluzentes
Semelham-se ao clarão da lua;
Causaram danos permanentes
Nesta mente que é toda sua.

Bendito devaneio cruel,
Que meu coração mergulhou;
Pois essa memória fiel,
Meus sentidos arrebatou.

Afeto Transcendental

*Como poderia eu ter completude,
Se de largo sou obrigado a ficar
Daquilo que, no recôndito da minh'alma,
Sou inteiramente impulsionado a amar?*

*Esquecer-me-ei daquilo que um dia
Me fez sentir ter alcançado plenitude?
Do que, com poucas palavras e atitudes,
Me arrebatava os sentidos do que vivia?*

*A mente é uma instância atemporal
E a alma é a nossa essência eterna;
Assim, esse amor é transcendental.*

*No meio dessa batalha interna,
Entre o te querer e o me privar,
Descubro ser impossível esquecer
Do quão divino que foi te amar.*

O Homem Invisível

Havia um homem peculiar,
Com uma habilidade interessante.
Tinha mil coisas para falar,
Mas não o ouviam um instante.

Esse homem era invisível,
Por alguém não era notado.
Por mais que buscasse ser visto,
Mais desdém lhe era lançado.

Conhecia uma nobre garota
Que falava com um terno tom;
Ela também possuía um dom,
Pois encantava o ignorado.

O duro é que ela não o via.
Por mais que ele se esforçasse,
A moça sequer percebia
Aquele invisível encantado.

Vestiu-se de cores e luzes,
Gritou para que ela notasse,
Fez de tudo pra ser enxergado,
Mas por ela seguiu rejeitado.

Assim o homem prosseguiu,
Buscando a atenção da amada.
Mas a garota jamais o viu,
E no peito o amor fez morada.

Minha Musa

Como a água cristalina,
Qual clarão da lua cheia,
São os teus olhos, menina,
Que brilham como candeia.
Faz meu peito suspirar,
E até a alma palpitar,
Ó, minha meiga sereia!

Teu sorriso encantador
E esse semblante tão terno,
Teus cabelos têm fulgor
De um impacto tão superno,
Que tamanha languidez,
Causando-me embriaguez
E um doce encanto eterno.

O que são os girassóis
Perante a tua beleza?
E o canto dos rouxinóis
Diante de tanta nobreza?
Se nem mesmo o claro sol
E a forte luz de um farol
Igualam-se à tua grandeza.

Do deserto, és um oásis,
De uma noite, o lampião,
A mais sólida das bases,
Dos pássaros, a canção.
A bússola do perdido,
Um anjo à terra descido,
Deste poeta, inspiração.

Estrela da madrugada,

Prenúncio do amanhecer,
Rosa por Deus orvalhada,
Tão serena a florescer.
Minha musa é a mais bela,
A mais linda donzela
Que encanta todo meu ser!

Inverno de seis meses

Olho para o céu que está todo cinza,
O sol permanece sempre escondido;
As nuvens estão carregadas d'água,
E uma leve chuva do alto desliza.

Encaro atento o relógio e contemplo
As horas pingarem suavemente,
Das gotas d'água, seguindo o exemplo,
Que caem lenta e compassadamente.

Passam semanas de tantos reveses,
Com dias nublados que vêm e vão;
Um frio inverno de longos seis meses
Vai congelando este meu coração.

Começou no dia em que ela partiu,
E a luz do sol junto dela sumiu;
Levando consigo o encanto e a cor,
As demais estações e o seu calor.